

A Arca de Noé em Bíblias de Estudo brasileiras: recepção e formação de leitores.

The Noah's Ark in Brazilian study bibles: reception and formation of readers.

João Leonel

Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP
leonel@mackenzie.br

Palavras-chave: Bíblias de Estudo, recepção, formação de leitores, História da Leitura, História do Livro, editores.

Keywords: Study Bibles, Reception, Formation of Readers, History of Reading, History of the Book, Publishers.

Introdução

A “arca de Noé”, texto e tema que reuniu pesquisadores e alunos durante o congresso “Arca de Noé: Catástrofe e Redenção”, realizado na Universidade de Aveiro em setembro de 2018, além de propiciar um período extremamente agradável de convivência, permitiu o aprendizado e a troca de experiências as mais interessantes e produtivas. Várias aproximações e leituras do texto e de seus múltiplos relacionamentos e desdobramentos foram apresentados. Abordagens teóricas foram aplicadas de forma competente e criativa, com resultados estimulantes.

Entre tal diversidade, a pesquisa que apresento neste artigo trabalha o texto bíblico de Gênesis, do capítulo 6¹ ao capítulo 9, versículo 19², a partir de duas perspectivas: a da Bíblia enquanto literatura que, por literária, suporta leituras variadas e diversas. Desse ponto de vista, tais variações não são tidas como perigosas ou danosas, mas sim como expressões concretas do ato de leitura como expressão sociocultural que se manifesta variada historicamente. Como nos lembra Jean Marie Goulemot:

¹ Inclui os primeiros dez versículos do capítulo, que embora não tratem diretamente da arca e do dilúvio, apresentam os motivos que levam ao aniquilamento dos seres humanos por Deus no dilúvio.

² O estudo não se estenderá até os versículos 20 a 29, que encerram o capítulo 9, por tratarem de uma derivação e não diretamente do relato da arca de Noé.

[...] seja popular ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido. [...] Não creio [...] que exista leitura ingênua, quer dizer, pré-cultural, longe de qualquer referência exterior a ela. [...] Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. (2001, pp. 107-108)

Trata-se, então, de uma história da leitura da Bíblia.

Outra perspectiva teórica é a que nos adverte a respeito da própria leitura enquanto ato concreto, indicando que ela sempre se dá a partir de suportes que influirão na elaboração de interpretações. Em outras palavras, ao ler o texto bíblico sobre a arca de Noé, não leremos apenas o texto, mas o livro, ou os livros, nos quais ele está contido, cercado por uma série de aparatos paratextuais. Cabe aqui o que afirma Roger Chartier:

[...] deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas por meio das quais ele atinge o seu leitor. (1999, p. 17)

Damos atenção, portanto, a aspectos ligados à história do livro, que, do ponto de vista proposto acima, tem íntimas conexões com a história da leitura.

Estas duas abordagens teóricas, que se manifestam na leitura e estudo do texto bíblico, não apenas indicam perspectivas específicas de aproximação, mas também tensões analíticas. Há, de um lado, a liberdade do leitor ao atribuir sentidos àquilo que lê e, de outro, tanto as estratégias textuais propostas pelo autor do texto, buscando com elas imprimir naquele que dele se aproxima o sentido pretendido, mas também um conjunto de elementos materiais, gráficos e outros, presentes nas edições das obras, que, ao definirem estratégias editoriais, procuram cercear o leitor e conduzi-lo pela mão em sua leitura.

O caminho escolhido para o desenvolvimento deste artigo, embora não de forma exclusiva, dá atenção aos mecanismos de orientação do leitor, ou de formação do leitor, em direção a determinada leitura. Isso será verificado por meio dos paratextos editoriais de três Bíblias de Estudo publicadas no Brasil, cuja intenção, de acordo com a hipótese que conduz este estudo, é produzir uma leitura do texto bíblico segundo princípios teológico/doutrinários dos grupos religiosos que editam as Bíblias.

Antes, no entanto, de iniciar o estudo das Bíblias, apresento breve percurso histórico relativo às Bíblias de Estudo.

As Bíblias de Estudo estão diretamente ligadas à Reforma Protestante e à importância atribuída à impressão de livros pelo movimento. Não poderia ser diferente. A utilização da prensa de tipos móveis por Gutenberg e a Reforma surgem quase ao mesmo tempo. Se a primeira encontra no contexto religioso o amplo mercado que necessitava para se impor, a segunda percebe na nova tecnologia o instrumento que permitirá expandir suas ideias. A esse respeito, Lutero se manifesta de forma expressiva: “A imprensa é o último dom de Deus e o maior. Efetivamente, por meio dela Deus quer dar a conhecer a causa da verdadeira religião a toda a terra até os confins do mundo” (apud Gilmont, 2002, p. 47).

Como parte das estratégias de divulgação do corpo de crenças da Reforma e de manutenção daqueles que haviam aderido a ela foram produzidas edições

da Bíblia em vernáculo, não apenas na Alemanha, mas também em outros países europeus. Como material de suporte publicaram-se catecismos, salmos, livros litúrgicos, comentários bíblicos e textos teológicos. Por essa razão, Jean-François Gilmont sintetiza: “No século XVI, todo grupo religioso defende o acesso à imprensa” (2002, p. 51).

A Reforma Calvinista, que se desenvolveu principalmente em Genebra, além de publicar os textos mencionados acima, trouxe à luz a *Geneva Bible* em 1560, produzida por refugiados provindos da Inglaterra. Ela é considerada a primeira Bíblia de Estudos, ou seja, uma edição da Bíblia na qual o texto bíblico vem acompanhado de uma série de paratextos editoriais que visam explicar sentidos e direcionar a leitura. No caso da *Geneva Bible*, há introduções aos livros bíblicos e a seus capítulos, mapas, xilografuras, notas marginais explicativas e índices.

Esta Bíblia de Estudo tornou-se extremamente popular e foi a principal Bíblia em língua inglesa por cerca de oito décadas, tendo sido publicadas cento e quarenta edições, completas ou parciais, até 1644³. Segundo David Norton, “It gave the people what they wanted: a relatively cheap, exceptionally well-presented Bible, with every possible aid to understanding except a concordance” (2016, p. 316).

Criou-se, a partir da *Geneva Bible*, uma tradição de Bíblias de Estudo que chega aos dias de hoje. No Brasil, de acordo com levantamento realizado por Jonathan Luís Hack, em 2017 havia 123 Bíblias de Estudo disponíveis no mercado (cf. 2019, p. 6). A Sociedade Bíblica do Brasil, a maior publicadora de bíblias do mundo, em 2013 produziu cerca de 1 milhão de exemplares por mês, publicando para mais de cem países, e em 2011 celebrou a produção de cem milhões de exemplares em 16 anos de operação.

Obviamente a Sociedade Bíblica do Brasil trabalha também no segmento de Bíblias de Estudo, de forma particular em um projeto intitulado “Bíblia de afinidades”⁴. O projeto visa criar parcerias com igrejas e entidades para a publicação de Bíblias segmentadas, várias delas sendo Bíblias de Estudo. Seleciono alguns exemplos – há muitos outros⁵ – dentre aqueles alistados por Leonildo Silveira Campos:

Bíblia de Estudo Plenitude, “de orientação teológica pentecostal e carismática”, revela a propaganda. *Bíblia do obreiro*, voltado [sic] para os leigos e pregadores, trazendo-lhes auxílio de dicionário bíblico e concordância, ajudando-os em suas prédicas [...]. Outra edição, mais para adolescentes, *Bíblia Sagrada com Notas para Jovens* [...]. (2012, pp. 51-52)

No contexto da variedade de edições de Bíblias de Estudo no mercado editorial brasileiro, foram escolhidas para análise neste artigo três Bíblias publicadas

³ Referente à data de 1644, David Norton explica: “Geneva [Bible] continued to be printed by the King’s Printer until 1619, and in Amsterdam and Edinburgh until 1644, and very occasionally thereafter” (2016, p. 334). A diminuição de edições da Geneva Bible deve-se também ao surgimento da King James Bible, em 1611.

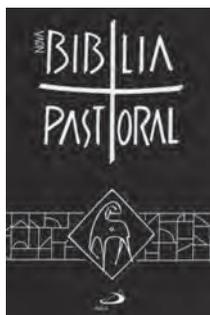
⁴ Cf. <http://www.sbb.org.br/hotsites/biblia-de-afinidades/casos-de-sucesso/>

⁵ Cf. no site da Sociedade Bíblica do Brasil a página onde são apresentadas as bíblias de estudo à venda. <https://www.sbb.com.br/biblias-e-novos-testamentos/biblias-de-estudo>

por editoras brasileiras e relativas a diferentes tradições religiosas: *Nova Bíblia Pastoral* – ligada à Igreja Católica Apostólica Romana; *Bíblia de Estudo Pentecostal* – publicada pela editora da Igreja Assembleia de Deus; e a Bíblia Shedd – editada pela Edições Vida Nova, vinculada a igrejas protestantes históricas.

Nova Bíblia Pastoral

Esta Bíblia é publicada pela Paulus Editora. Esta editora católica que surgiu em Alba, Itália, em 1914 com o padre Tiago Alberione, inicialmente como uma pequena escola tipográfica e em 1931 chega a São Paulo com os padres Xavier Boano e Sebastião Trosso (Paulus. História da editora, 2019).



Com respeito a seus objetivos, visa prestar serviços à igreja:

[...] assumindo nela [na Igreja] as opções e compromissos, à luz do Evangelho e do Magistério da Igreja Católica, especialmente do Concílio Vaticano II, das Conferências Episcopais Latino-Americanas e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Nesse item, a Bíblia ocupa espaço relevante. É o livro por excelência, que a Pia Sociedade de São Paulo, através da Editora PAULUS, procura oferecer às pessoas, não só através de publicações impressas, mas também por meio digital, filmes, música, e tantas outras formas de mídia, bem como através da formação técnica e profissional da FAPCOM. (Paulus. *Quem somos*, 2019)

Como o próprio título indica – *Nova Bíblia Pastoral* –, houve anteriormente uma *Bíblia Pastoral*, ou, para ser exato, uma *Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*, publicada em 1990. Passados vinte e quatro anos, surge a *Nova Bíblia Pastoral* em 2014. Em sua Apresentação diz-se que ela é “[...] nova tradução com novas introduções e notas, que procuram responder ao caminho percorrido pelas comunidades nas últimas décadas” (Nova Bíblia Pastoral, 2014, p. 5). Esta versão busca “[...] oferecer às comunidades uma tradução de fácil compreensão, com subtítulos, introduções e notas que auxiliem o entendimento e aplicação do texto bíblico, nos grupos de estudo, na reflexão, na catequese, na oração, na vivência pessoal e comunitária” (Nova Bíblia Pastoral, 2014, p. 5).

Como este artigo trabalhará essencialmente com notas de rodapé explicativas, é de importância a informação a respeito delas:

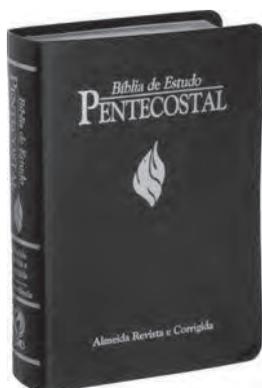
Dependendo do bloco em questão, algumas notas são mais técnicas, outras mais interpretativas. O objetivo é que os leitores, sobretudo na leitura comunitária, consigam aplicar o texto na própria vida. Por isso as referências das notas a aspectos sociais, políticos e religiosos do tempo bíblico, para que seja possível compreender e relacionar as questões do mundo da Bíblia às questões do nosso tempo. (*Nova Bíblia Pastoral*, 2014, p. 5)

Além disso, há o detalhamento sobre o tipo de interpretação que orienta os paratextos nesta versão da Bíblia:

As introduções e notas aqui propostas derivam de um tipo de leitura dos textos bíblicos, e querem ajudar as comunidades com uma hermenêutica que leve ao compromisso pessoal e comunitário para a transformação da mente e da sociedade. (*Nova Bíblia Pastoral*, 2014, p. 5)

A menção a “uma hermenêutica que leve ao compromisso comunitário” e à “transformação da sociedade” indica uma abordagem que expressa elementos da Teologia da Libertação⁶. Isso é corroborado pela presença de exegetas brasileiros ou radicados no Brasil vinculados a essa vertente teológica que trabalharam na tradução dos originais, introduções e notas de rodapé: Antonio Carlos Frizzo, Donizete Scardelai, José Ademar Kaefler, Luiz Gonzaga do Prado, Paulo Bazaglia, Pedro Lima Vasconcelos, Carlos Mesters, Francisco Orofino, Luiz José Dietrich, Maria Antônia Marques, Rafael Rodrigues da Silva, Shigeyuki Nakanose e Valmor da Silva. (cf. *Nova Bíblia Pastoral*, 2014, p. 4).

Bíblia de Estudo Pentecostal



⁶ Para maiores informações sobre a Teologia da Libertação, cf. o número da revista *Humanitas* a respeito do tema: Teologia da Libertação (2007). IHU On-Line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, 214. Ver, ainda, DUSSEL, E. *Teologia da Libertação – Um panorama do seu desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Esta Bíblia de Estudos foi publicada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) em 1995. A editora pertence à Igreja Assembleia de Deus, a maior igreja evangélica do Brasil, que possuía, no último censo realizado no Brasil, em 2010, 12.314.410 membros⁷.

Ela utiliza a tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida (1995), de propriedade da Sociedade Bíblica do Brasil.

A CPAD foi fundada em 13 de março de 1940 no Rio de Janeiro. De início modesto, hoje a editora, segundo informações em seu site oficial, vende mais de setecentas mil obras anualmente (cf. CPAD. Nossa História, 2019).

O editor geral da obra, o norte-americano Donald Stamps, também autor dos estudos e notas nela presentes, redigidas quando trabalhava como missionário no Brasil, indica a razão dessa nova Bíblia:

O propósito desta Bíblia de Estudo é conduzir o leitor a uma fé perseverante nas Sagradas Escrituras, principalmente uma fé mais profunda na mensagem apostólica do Novo Testamento, a qual proporciona ao crente grande confiança de alcançar a mesma experiência dos crentes do Novo Testamento, mediante a plenitude do Cristo vivo na igreja, como corpo (Ef 4.13), e a plenitude do Espírito Santo no crente individualmente (At 2.4; 4.31). (*Bíblia de Estudo Pentecostal*, 1995, p. 14)

Fica evidente, a partir da citação acima, a vinculação desta Bíblia de Estudo com a teologia pentecostal⁸, sintetizada na busca pela “mesma experiência dos crentes do Novo Testamento” por meio da “plenitude do Espírito Santo no crente individualmente”. A vivência das experiências sobrenaturais experimentadas por apóstolos e cristãos do cristianismo primitivo, conforme registro neotestamentário, assim como a centralidade da plenitude – domínio completo – do Espírito Santo, com demonstrações visíveis na vida dos cristãos atestam tal relação. A informação a respeito do conteúdo teológico das notas demonstra explicitamente sua ligação com tal teologia:

As notas de estudo que aparecem no rodapé de quase todas as páginas da Bíblia de Estudo Pentecostal foram escritas sob o aspecto pentecostal, com a convicção de que a totalidade da mensagem, do padrão e da experiência de que deram testemunho Cristo e os apóstolos, é perpetuamente válida e disponível ao seu povo hoje. (*Bíblia de Estudo Pentecostal*, 1995, p. 19)

As notas de rodapé explicativas são divididas em cinco categorias, reforçando, novamente, a perspectiva teológica pentecostal de interpretação:

- 1) Notas expositivas. São notas que explicam o significado de palavras, frases e versículos de muitas passagens basilares da Palavra de Deus.

⁷ Censo Demográfico 2010, p. 143.

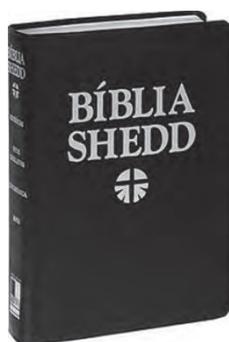
⁸ Para uma síntese das doutrinas professadas pela Igreja Assembleia de Deus, cf. *Em que cremos* (2019). <http://assembleia.org.br/em-que-cremos/>

- 2) Notas teológicas. São notas que definem e explicam as grandes doutrinas e verdades bíblicas, como a salvação, o perdão, o batismo, a perseverança dos salvos, o arrependimento, a santificação etc.
- 3) Notas devocionais. São notas que salientam a importância de o crente manter uma comunhão profunda com Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – mediante a fé, obediência, oração e os muitos meios da graça divina.
- 4) Notas éticas. São notas com um chamamento ao leitor para dedicar-se a Deus e à prática da retidão. [...]
- 5) Notas práticas. São notas de conteúdo edificante para a vida cotidiana do crente. Contêm ensinamentos práticos sobre o batismo com o Espírito Santo, a cura divina, a criação de filhos nos caminhos do Senhor, a luta espiritual do crente contra o mal, a vitória sobre a preocupação angustiada e sobre a tentação etc. (*Bíblia de Estudo Pentecostal*, 1995, p. 19)

Bíblia Shedd

Publicada pela Edições Vida Nova e Sociedade Bíblica do Brasil. Esta já foi mencionada anteriormente como a maior publicadora de bíblias do mundo, trabalhando, por vezes, em parcerias com outras editoras, como é o caso aqui.

As Edições Vida Nova, embora não pertençam a um grupo religioso, estão muito ligadas à Igreja Batista no Brasil. Seu fundador, Russell Philip Shedd, missionário da Igreja Batista norte-americana, veio para o Brasil em 1962 a fim de transferir a editora que havia sido criada três anos antes em Portugal.



Esta foi a primeira Bíblia de Estudos a ser publicada no Brasil. Focando principalmente a produção de textos teológicos acadêmicos, Russell Shedd logo sentiu necessidade de editar uma Bíblia de Estudos. Segundo ele, “[...] decidimos preparar uma Bíblia de estudos que ajudasse os obreiros impossibilitados de cursar uma escola bíblica” (*Vida Nova. Quem somos*, 2016). A referida Bíblia, batizada como *Bíblia Vida Nova*, seria publicada em 1976, com a tradução de João Ferreira de Almeida Atualizada, pertencente à Sociedade Bíblica do Brasil, sendo reeditada, sem alterações de conteúdo, em 1998, agora com o nome de *Bíblia Shedd*, homenagem ao fundador da editora e editor da *Bíblia Vida Nova*.

Russell Shedd fez questão de esclarecer que “[...] as notas de rodapé [são] todas com origem no Brasil e voltadas para o obreiro daqui [...]” (*Bíblia Shedd*. Uma Palavra do Editor, 1998). E os editores explicitam o objetivo de tais notas de rodapé:

[...] oferecer aos leitores, e em especial aos obreiros leigos de nossa terra, maiores esclarecimentos de fatos arqueológicos e históricos e da cronologia bíblica, além, é claro, de abrir as janelas das línguas originais, para que mais luz incidisse sobre a interpretação do texto sagrado. Numerosas nótulas homiléticas foram espalhadas em quase todas as páginas desta Bíblia, para auxiliar os pregadores que dispõem de pouco tempo para buscar ideias para sermões. (*Bíblia Shedd*. Apresentação, 1998)

Fica clara a intenção de preencher uma carência – formação de obreiros leigos – e a forma – fornecendo dados contextuais e linguísticos para o que se pretende ser a correta interpretação da Bíblia, preocupação central nas igrejas protestantes.

Iniciando a análise

Deve-se ter em mente que as Bíblias estudadas refletem não apenas a visão de seus editores, mas também dos grupos religiosos a que elas estão ligadas. Em relação às Bíblias *Nova Bíblia Pastoral* e *Bíblia de Estudos Pentecostal*, esse vínculo é formal, uma vez que as editoras pertencem a grupos religiosos. Quanto à *Bíblia Shedd*, a relação não é institucional, visto que a Edições Vida Nova, embora em sua origem tenha se originado da ação de missionários batistas, hoje não está ligada a nenhuma denominação religiosa. Em qualquer dos casos, as edições bíblicas aqui computadas revelam, para além dos valores pessoais dos editores e das editoras que as publicam, princípios teológicos dos grupos religiosos a que estão vinculadas.

Tal constatação é confirmada por todo o aparato paratextual destas Bíblias de Estudo que visam não apenas deixar claros os valores teológicos nelas presentes, como também configurar uma série de estratégias de convencimento e de direcionamento interpretativo a partir desses valores. Em outras palavras, o objetivo das Bíblias de Estudo aqui analisadas, como ficará claro à frente, é apresentar uma interpretação bíblica a partir das teologias e dogmas professados pelos grupos religiosos representados pelas editoras mediante, principalmente, as notas marginais explicativas.

Uma pergunta inicial, se respondida, permitirá uma melhor análise das notas marginais a serem estudadas. É possível conhecer o público a que estas Bíblias de Estudo são direcionadas? Quanto a isso, há informações nas partes introdutórias das Bíblias.

A *Nova Bíblia Pastoral* indica que seus recursos visam auxiliar “[...] o entendimento e aplicação do texto bíblico, nos grupos de estudo, na reflexão, na catequese, na oração, na vivência pessoal e comunitária [...]” O objetivo é que os leitores, sobretudo na leitura comunitária, consigam aplicar o texto na própria vida” (Apresentação, p. 5). Destaque-se, pela repetição, a ênfase na leitura “comunitária” da Bíblia, o que pressupõe certa forma de orientação e direção em círculos de estudo bíblico. Já a *Bíblia de Estudo Pentecostal* esclarece que a

motivação para sua criação foi que “[...] os obreiros necessitavam de uma Bíblia com estudos que os auxiliassem na orientação de seus pensamentos e nas suas pregações [...]” (Prefácio do autor, p. 14). A *Bíblia Shedd*, por sua vez, indica que há Notas homiléticas. “Como o próprio nome diz, são recursos que poderão ser utilizados na preparação ou no enriquecimento de sermões” (*Bíblia Shedd*. Informações Específicas, 1998). Em citação já mencionada, os editores lembram que as notas têm como objetivo [...] oferecer aos leitores, e em especial aos obreiros leigos de nossa terra, maiores esclarecimentos [...] (*Bíblia Shedd*. Apresentação, 1998), indicação clara de que seu público alvo é constituído de pessoas que exercem a função do ensino bíblico.

Os dados acima permitem concluir que, não exclusivamente, mas principalmente, as Bíblias analisadas focam um público formado por pessoas envolvidas com ensino religioso, provavelmente catequistas e pregadores leigos com pouca formação teológica que, no caso dos grupos pentecostais, constituem a maioria dentre aqueles que ocupam posições de liderança. O processo que se estabelece é de informação e formação desses líderes.

Bíblias de Estudo e a formação de leitores

Começamos agora a análise específica das três Bíblias selecionadas. As notas a serem analisadas estão presentes no texto de Gênesis, do capítulo 6 ao 9, até o versículo 19, que registra a narrativa da construção da arca por Noé e o dilúvio. Quanto ao número de notas em cada versão, a *Nova Bíblia Pastoral* traz 6 notas⁹, a *Bíblia de Estudo Pentecostal* 14¹⁰, e a *Bíblia Shedd* 20¹¹ notas marginais.

Decidiu-se classificar as notas em nove categorias, mencionadas e exemplificadas a seguir:

1. *Narratividade*: relaciona os textos com o fluxo narrativo, dando atenção aos contextos que envolvem determinada porção bíblica.
Ex: *Nova Bíblia Pastoral*. Nota – “7,6-8,14. Os trechos relacionados a Deus/Elohim ligam-se a 1,1-2,4a, mostrando o dilúvio como retorno ao caos anterior à criação (1,2.6-10) [...]”.
2. *Exegese*: traduz e explica termos em hebraico.
Ex: *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Nota – “6.14. UMA ARCA. A palavra hebraica aqui traduzida como arca, significa um objeto apropriado para flutuar, e ocorre somente aqui e em Êx¹² 2.3,5 (onde a mesma palavra refere-se ao cesto flutuante em que o nenê Moisés foi colocado)”.
3. *Fontes extrabíblicas*: utiliza elementos da História das Religiões para a compreensão de eventos e ações.
Ex: *Nova Bíblia Pastoral*. Nota – “6,5-13. [...] Nos textos mesopotâmicos, os deuses enviam o dilúvio por causa das murmurações humanas”.

⁹ Notas referentes aos textos: 6.1-4; 6.5-9.17; 6.5-13; 6.14-7.5; 7.6-8.14; 8.15-9.17.

¹⁰ 6.2; 6.5; 6.6; 6.9; 6.14; 6.18; 7.6; 7.11-12; 7.23; 8.1; 8.21; 9.6; 9.9-17; 9.13.

¹¹ 6.4; 6.7; 6.8; 6.11; 6.13; 6.14; 7.1; 7.8; 7.17; 7.19; 8.1; 8.4; 8.7; 8.20; 8.21; 9.1; 9.4; 9.7; 9.11; 9.12.

¹² Livro do Êxodo.

4. *Relação com o Novo Testamento (NT)*: faz uso hermenêutico de termos do NT para interpretar o texto.
Ex: *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Nota – “9.6. QUEM DERRAMAR O SANGUE DO HOMEM, PELO HOMEM O SEU SANGUE SERÁ DERRAMADO [...] A autoridade para o governo usar a espada, i.e., a pena de morte, é reafirmada no NT” (At 25.11; Rm 13.4; Mt 26.52¹³).
5. *Teologia*: interpretação de textos a partir de elementos da enciclopédia teológica.
Ex: *Bíblia Shedd*. Nota – “9.7. [...] Descendentes de um homem decaído, ainda que se trate de um justo como Noé o era (9.21), são portadores do pecado original. [...]”. A expressão “pecado original” faz parte do acervo clássico de termos teológicos.
6. *Moral*: interpretação de textos a partir de injunções morais.
Ex: *Bíblia de Estudo Pastoral*. Nota – “6.9. NOÉ ERA VARÃO JUSTO E RETO EM SUAS GERAÇÕES. [...] Em meio à iniquidade e maldade generalizadas daqueles dias (v. 5), Deus achou em Noé um homem que ainda buscava comunhão com Ele e que era varão justo [...]”. Ênfase em Noé como homem “justo” diante da “iniquidade e maldade” humanas.
7. *Contextualização*: explicação de textos a partir de informações contemporâneas.
Ex: *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Nota – “6.14. [...] A arca de Noé era semelhante a uma barcaça de tamanho colossal. Sua capacidade de carga corresponde à de mais de 300 vagões ferroviários [...]”.
8. *Apologética*: utilização de textos para a defesa da fé cristã e/ou crítica de posições contrárias a ela.
Ex: *Bíblia Shedd*. Nota – “9.7. Deste modo, a Bíblia não somente revela ser digna de toda confiança [...]”. A ênfase no aspecto “confiável” da Bíblia pressupõe possíveis críticas a afirmações sobre erros e irrelevância de textos bíblicos.
9. *Aplicação*: aplicação de textos à vida do leitor.
Ex: *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Nota – “8.1. E LEMBROU-SE DEUS DE NOÉ. [...] Se há muito tempo, Deus não age ou não se manifesta na tua vida, podes ter confiança que Ele agirá de novo, manifestando o seu amoroso cuidado contigo [...]”. O autor das notas dirige-se diretamente ao leitor.

¹³ Livro de Atos dos Apóstolos, carta do apóstolo Paulo aos Romanos e evangelho de Mateus, respectivamente.

Segue, abaixo, tabela com a distribuição das notas das bíblias pelas 9 categorias. Convém esclarecer que uma nota pode conter mais de uma categoria analítica.

	<i>Nova Bíblia Pastoral</i> 6 notas	<i>Bíblia de Estudo Pentecostal</i> 14 notas	<i>Bíblia Shedd</i> 20 notas
Narratividade	6.1-4; 7.6-8.14; 8.15-9.17.		9.7.
Exegese	6.1-4; 7.6-8.14; 8.15-9.17.	6.14.	
Fontes extrabíblicas	6.1-4; 6.5-9.17; 6.5-13; 8.15-9.17.		7.1.
Relação com o N.T.		6.2; 6.5; 6.9; 6.14; 7.6; 7.11-12; 7.23; 9.6.	6.4; 6.8; 6.13; 8.7; 9.4; 9.7.
Teologia		6.6; 6.9; 6.14; 6.18; 7.6; 7.23; 8.21; 9.6; 9.9-17.	6.7; 6.8; 6.11; 6.13; 8.1; 8.7; 8.21; 9.1; 9.7; 9.11; 9.12.
Moral	6.14-7.5.	6.2; 6.5; 6.9; 7.6; 7.23; 8.1; 8.21.	6.4; 6.8; 8.7; 8.20.
Contextualização		6.14; 7.11-12.	6.14; 7.8; 8.4; 8.7.
Apologética		7.11-12.	7.17; 7.19; 9.7.
Aplicação		6.5; 7.6; 8.1; 9.6; 9.13.	9.11.

Na tabela a seguir, os números quantitativos são transformados em porcentagem visando maior clareza para efeito comparativo.

	<i>Nova Bíblia Pastoral</i> 6 notas	<i>Bíblia de Estudo Pentecostal</i> 14 notas	<i>Bíblia Shedd</i> 20 notas
Narratividade	3 (50%)		1 (5%)
Exegese	3 (50%)	1 (7,1%)	
Fontes extrabíblicas	4 (66,6%)		1 (5%)
Relação com o N.T.		8 (57,1%)	6 (30%)
Teologia		9 (64,2%)	11 (55%)
Moral	1 (16,6%)	7 (50%)	4 (20%)
Contextualização		2 (14,2%)	4 (20%)
Apologética		1 (7,1%)	3 (15%)
Aplicação		5 (35,7%)	1 (5%)

Para efeito de melhor compreensão das tabelas acima, as nove categorias são divididas em dois blocos relativos à compreensão e à aplicação do texto. Compreendem o primeiro bloco as categorias: Narratividade, Exegese, Fontes

extrabíblicas. São elementos voltados fundamentalmente para o passado, para a inserção do texto e de seu sentido no contexto de produção. O segundo bloco compreende: Relação com o N.T., Teologia, Moral, Contextualização, Apologética, Aplicação. Portanto, aspectos direcionados não apenas à compreensão do texto bíblico, mas principalmente para sua aplicação à vida do leitor. Os dois blocos concentram suas notas, por um lado, no passado do texto e sua compreensão, e, por outro, no presente do texto, em sua aplicação.

Relacionando as Bíblias de Estudo com essas categorias, pode-se dizer que *A Nova Bíblia Pastoral* tem como foco de suas notas o passado, a compreensão do texto. Isso se observa pela alta porcentagem de notas nessas categorias: Narratividade, 50%; Exegese, 50%; Fontes Extrabíblicas, 66,6%. As outras seis categorias, com exceção de Moral, com apenas 16,6%, estão ausentes.

Com relação às duas outras Bíblias temos um quadro oposto. As categorias ligadas ao passado do texto representam papel secundário. No caso da *Bíblia de Estudo Pentecostal*, temos apenas a Exegese, com 7,1%. A *Bíblia Shedd* traz Narratividade e Fontes Extrabíblicas, com 5% cada. Por outro lado, as categorias ligadas ao presente, à aplicação do texto, são abundantes. A *Bíblia de Estudo Pentecostal* apresenta: Relação com o N.T., 57,1%; Teologia, 64,2%; Moral, 50%; Aplicação, 35,7%¹⁴.

A *Bíblia Shedd* traz uma relação mais equilibrada entre as categorias: Relação com o N.T., 30%; Teologia, 55%; Moral, 20%; Contextualização, 20%; Apologética, 15% e, parecendo contraditório, Aplicação, com 5%. A pouca porcentagem deste último item, embora possa surpreender, não prejudica a análise geral. Mesmo que esta Bíblia não traga notas que se refiram diretamente ao leitor e à aplicação dos textos à sua vida, todas as demais categorias deste bloco operam com elementos que direcionam a aplicação dos textos ao leitor. É o caso principalmente da Teologia, com 55%, que ao formar uma estrutura de categorias mentais junto ao leitor, constrói princípios que guiarão seu comportamento como ser religioso em relação com Deus e com outros seres humanos.

Ligando as análises acima à configuração do leitor, às estratégias que buscam direcioná-lo na interpretação do texto bíblico segundo a teologia proposta em cada Bíblia de Estudo, passamos a propor os leitores ou tipos de leitores que se pode depreender das notas de rodapé das versões bíblicas.

Começamos com uma hipótese já apresentada, que propõe serem as Bíblias de Estudo voltadas principalmente para pessoas que dirigem ou mediam grupos de estudo bíblico. Tal hipótese carece de complemento neste momento. Para além da formação de dirigentes/animadores de grupos bíblicos, elas também se dirigem aos participantes de tais grupos ou a outras pessoas que desejam maiores informações sobre a Bíblia. Neste último caso, ao adquiri-las e lê-las, cria-se uma conexão direta entre as notas e os leitores. Na primeira situação, a relação é indireta. As notas comunicam-se com aqueles que irão mediar encontros bíblicos e, destes, as informações chegam aos demais leitores/ouvintes. Temos,

¹⁴ Dessas categorias, apenas Contextualização, com 14,2%, e Apologética, com 7,1%, não recebem destaque.

então, dois horizontes de recepção. Diretamente para aqueles que leem, sejam dirigentes de grupos ou não, e indiretamente para aqueles que ouvem estudos e palestras nas quais as notas das Bíblias de Estudo são utilizadas.

Os números dispostos nas tabelas permitem uma observação. Fica clara a desigualdade entre o número de notas apresentado pela *Nova Bíblia Pastoral*, 6, em relação com as notas da *Bíblia de Estudo Pentecostal*, 14, e mais ainda com as da *Bíblia Shedd*, 20. Haverá razão que explique a diferença? Uma hipótese é que a *Nova Bíblia Pastoral* é direcionada a um leitor com maior formação, não requerendo, portanto, grande quantidade de notas explicativas. Alguns dados dessa Bíblia corroboram essa possibilidade.

A nota a 6.1-4, por exemplo, menciona “Restos de lendas sobre gigantes” e “«Filhos de Deus/Elohim» refere-se a seres mitológicos ou a reis” (2014, p. 27). A utilização de “lendas” e a referência a “seres mitológicos” traria estranhamento a um leitor iniciante ou teologicamente conservador e fundamentalista, por julgar que a Bíblia foi escrita diretamente pelas mãos de Deus, sem interferência de contextos de produção e de circunstâncias histórico-social-religiosas, em uma perspectiva interpretativa literalista. De igual forma, a nota a 7.6-8.14 menciona dois nomes para Deus: Elohim e Javé: “Os trechos relacionados a Deus/Elohim [...] os trechos atribuídos a Javé” (*Nova Bíblia Pastoral*, 2014, p. 28). A explicação para os dois nomes surge de teorias críticas a respeito da origem do Pentateuco¹⁵ referidas nas notas a Gênesis 1.1-2.4a: “Em 1,1-2,4a o criador é ‘Deus’ (no hebraico, Elohim)” e 2.4b-25: “Esta narrativa, que segue em 3,1-24, é independente da anterior. Aqui a divindade é Javé Deus (no hebraico, Javé Elohim)” (*Nova Bíblia Pastoral*, 2014, pp. 22, 24).

A explicação dos termos revela a expectativa de um leitor que consiga apreender e aceitar as teorias. Tal condição também transparece nas Introduções ao Pentateuco e ao Gênesis, igualmente escritas em linguagem acadêmica e com conteúdo advindo da exegese crítica (*Nova Bíblia Pastoral*, 2014, pp. 19-20 e 21-22).

Em direção oposta está a *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Mesmo quando se trata de uma nota exegética, como a que comenta o texto de 6.14, ela explica cuidadosamente a palavra “arca”, sem mencionar o termo hebraico, levando à pressuposição de que se dirige a um leitor não acostumado a detalhes exegéticos. “A palavra hebraica aqui traduzida como arca, significa um objeto apropriado para flutuar, e ocorre somente aqui e em Êx. 2.3,5 (onde a mesma palavra refere-se ao cesto flutuante em que o nenê Moisés foi colocado)” (*Bíblia de Estudo Pentecostal*, 1995, p. 42).

Esta versão bíblica também se preocupa em criar laços entre o texto e sua relação com o Novo Testamento, que validaria sua mensagem, indicando de modo claro o caminho interpretativo a seguir, o que conduz, novamente, à proposta de que seu leitor necessita de tais orientações para compreender o texto nos moldes desejados por seus editores. Comentando 7.23 temos a nota: “O apóstolo Pedro declara que a salvação de Noé em meio às águas do dilúvio, i.e., seu livramento da morte, figurava o batismo cristão (ver 1 Pe 3.20,21 nota)” (*Bíblia de Estudo Pentecostal*, 1995, p. 44).

¹⁵ Primeiros cinco livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Nesse mesmo caminho segue a *Bíblia Shedd*, propondo, por suas notas, um leitor que necessita ser tomado pelas mãos e guiado ao entendimento do texto bíblico por meio das notas explicativas. Dois exemplos são ilustrativos. O primeiro, ao prevenir o leitor de más interpretações e apresentar aquela que seria, segundo seus propositores, a correta. A nota a 6.4 traz: “Embora alguns pensem que ‘filhos de Deus’ seja uma referência a anjos decaídos [...] É mais provável que esta seja uma referência à linha de Sete [...]” (1998, p. 8). Entre esses “alguns” mencionados como intérpretes equivocados do texto inclui-se a nota a 6.1-4 da *Nova Bíblia Pastoral*, ao afirmar que “«Filhos de Deus/Elohim» refere-se a seres mitológicos ou a reis” (2014, p. 27). O segundo exemplo esclarece a preocupação em destacar o caráter literal e histórico do texto bíblico como referência à sua fidedignidade. Quanto à destruição da raça humana afirmada no relato do dilúvio, a nota a 7.1 se preocupa em referendá-la historicamente:

Há evidência muito forte, fora do livro de Gênesis, com respeito à destruição da raça humana, cuja única exceção foi uma família. Inúmeras tribos selvagens, espalhadas por todo o mundo, conservam a tradição de um dilúvio. Existem possíveis registros arqueológicos, como outras tantas evidências diretas de um dilúvio. (ver MB, p 75 e NCB, p 91). (*Bíblia Shedd*, 1998, p. 9)

Tais observações referendam as preferências pelas categorias analíticas indicadas acima. Isto é, a *Bíblia de Estudo Pastoral* e a *Bíblia Shedd*, em decorrência do grande número de notas, em virtude da preocupação com aspectos diretivos ligados ao comportamento dos leitores, e diante do caráter secundário que a interpretação do texto a partir de seus contextos de origem recebe, voltam-se para um leitor carente de orientação, dependente dos conteúdos que se apresentam quase a cada versículo bíblico e que tem como motivação principal para a leitura bíblica a vivência de seus conteúdos. É claro que essas características são propostas e construídas a partir das estratégias paratextuais presentes nas notas marginais e que recebem suporte de outros aparatos editoriais.

A *Nova Bíblia Pastoral*, com resumido número de notas, com a ênfase voltada para a compreensão do texto em seus contextos, com a presença de discussões de caráter crítico e científico que pressupõem certo conhecimento não só do texto bíblico, mas também de discussões exegéticas, e com pouca atenção à aplicação do texto ao mundo contemporâneo, vislumbra um leitor com maior nível de maturidade, que consegue não apenas apreender as questões apresentadas pelas notas, como também criar pontes entre os textos passados e seu presente. Pode-se dizer que essa Bíblia procura formar um leitor capacitado, e, para isso, conta com sua participação ativa.

Considerações finais

Este artigo propôs uma incursão pelo mundo editorial das Bíblias de Estudo publicadas no Brasil, campo pouco conhecido e estudado em contexto acadêmico. Não obstante, é um mercado pujante que apresenta números impressionantes. Nesse sentido, é considerável o fato de que a Sociedade Bíblica do Brasil é, hoje, a maior publicadora de Bíblias em todo o mundo.

A análise feita não se deteve em números de mercado, mas na característica que une todas as Bíblias de Estudo. Elas trazem o texto sagrado, que sobrevive a milênios e tem recebido as mais variadas interpretações, manifestação de sua capacidade literária e também das mudanças que se dão entre os leitores. Provavelmente conscientes disso, e procurando mecanismos para se opor a esse fato, os editores das Bíblias de Estudo, dentre as quais foram utilizadas como estudo de caso neste texto a *Nova Bíblia Pastoral*, a *Bíblia de Estudo Pentecostal* e a *Bíblia Shedd*, voltam-se para a estratégia de incluir junto ao texto bíblico paratextos que direcionam a leitura conforme os princípios teológicos dos grupos detentores dos direitos das Bíblias mencionadas.

Conforme procurou-se demonstrar, as Bíblias estudadas representam leituras e interpretações variadas, por vezes conflitantes, do mesmo texto escriturístico. Tal não se deve à diversidade de traduções. Embora esse aspecto não tenha sido contemplado neste artigo, as eventuais diferenças nas traduções não são suficientemente capazes de suportar as interpretações presentes nas notas de rodapé.

As propostas editoriais, sim, respondem pelas diversidade e tendências percebidas nas notas marginais. Elas são fundamentalmente teológicas, embora se manifestem em discussões arqueológicas, históricas, linguísticas etc. É a teologia de cada grupo editorial, sua forma de conceber Deus, a relação com a divindade e com os demais seres humanos que comanda a forma como os textos são abordados. E, nesse caso, conforme foi demonstrado, há opções claramente percebíveis. Se por um lado a Bíblia de origem católica romana privilegia o estudo exegético e acadêmico do texto, por outro lado a Bíblia pentecostal, assim como a protestante histórica, volta-se para aspectos práticos da recepção, como questões morais, hermenêuticas e, acima de tudo, teológicas. Teologia entendida não no sentido mencionado acima, mas em seu aspecto particular, denominacional, restritivo.

Ao final, cabe a pergunta a respeito da passividade ou não do leitor. Estudiosos acostumados à análise de leitores em textos literários poderão argumentar em prol da liberdade do leitor em definir, em última instância, os sentidos que dará ao texto. E estarão certos. No entanto, no caso da leitura religiosa, há outros componentes que devem ser levados em consideração, como a autoridade do texto lido – a Bíblia – e o uso, ou manipulação dessa autoridade ao unir ao texto sagrado comentários que, não fazendo parte dele, pela proximidade buscam sua aura divina. Outros elementos, como a configuração de uma comunidade leitora católica, protestante, pentecostal etc., indicarão que o leitor religioso não usufrui de tanta liberdade em sua leitura quanto poderíamos pensar. As Bíblias de Estudo oferecem um testemunho exemplar.

Referências bibliográficas

- Bíblia de Estudo Pentecostal* (1995). Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. Deerfield, Florida: Casa Publicadora das Assembleias de Deus.
- Bíblia Shedd* (1998). Tradução de João Ferreira de Almeida (2ª ed. revista e atualizada). São Paulo: Edições Vida Nova.
- Campos, L. S. (2012). Bíblias no mercado: o poder dos consumidores e a competição dos editores. *Rever* (12) 2, 35-61.

- Censo Demográfico 2010*. Tabela 1.4.1 – População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião – Brasil – 2010, p. 143. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf
- CPAD (2019). *Nossa História*. <http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=1&i=2>
- Chartier, R. (1999). *A ordem dos livros* (2ª ed.). Brasília: Editora UnB.
- Dussel, E. *Teologia da Libertação – Um panorama do seu desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- Em que cremos* (2019). <http://assembleia.org.br/em-que-cremos/>
- Gilmont, J-F. (2002). Reformas protestantes e leitura. In G. Cavallo & R. Chartier (Org.), *História da leitura no mundo ocidental* (V. 2, pp. 47-77). São Paulo: Ática.
- Goulemot, J. M. (2001). Da leitura como produção de sentidos. In R. Chartier (Org.), *Práticas da leitura* (2ª ed. revista, pp. 107-116). São Paulo: Estação Liberdade.
- Hack, J. L. (2019). *Teologia e Literatura: o texto bíblico como arte literária*. São Paulo: Fonte Editorial.
- Nova Bíblia Pastoral* (2014). São Paulo: Paulus.
- Norton, D. (2016). English Bibles from c. 1520 to c. 1750. In E. Cameron (Ed.), *The Bible from 1450 to 1750* (V. 3, pp. 305-345). New York: Cambridge University Press.
- Paulus (2019). *História da editora*. <https://www.paulus.com.br/portal/historia-da-editora#.XNIAURRKjcc>
- Paulus (2019). *Quem Somos*. Pia Sociedade de São Paulo. <https://www.paulus.com.br/portal/pia-sociedade-de-sao-paulo#.XNGdxRRKjcc>
- Sociedade Bíblica do Brasil. (2013). *Números. Produção. Curiosidades*. <http://www.sbb.org.br/quem-somos/numeros/producao-grafica-da-biblia-imprensa-braille/>
- Sociedade Bíblica do Brasil. (2013). *Bíblia de afinidades*. <http://www.sbb.org.br/hotsites/biblia-de-afinidades/casos-de-sucesso/>
- Teologia da Libertação (2007). *IHU On-Line*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, 214. <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao214.pdf>
- Vida Nova. *Quem somos* (2016). <https://vidanova.com.br/content/6-quem-somos>

Resumo

Este artigo parte do fenômeno editorial em que se transformou a publicação de Bíblias de Estudo no Brasil. Analisa três exemplares bíblicos representativos de grupos religiosos brasileiros: católico, pentecostal e protestante histórico. O objetivo é estudar a inserção de notas explicativas nos textos bíblicos e, por elas, o processo de formação de leitores que se adequem aos princípios doutrinários e éticos dos segmentos religiosos responsáveis pelas edições bíblicas selecionadas. O corpus está circunscrito aos capítulos 6 a 9 do livro de Gênesis, bloco que contém as narrativas da construção da arca por Noé e do dilúvio. Para o desenvolvimento da análise foram utilizados como referenciais teóricos a História do Livro e a História da Leitura. Tais teorias permitem reconhecer que a Bíblia, por sua potência linguística e literária, tem sido alvo de múltiplas recepções no decorrer da História, e, ao mesmo tempo, é direcionada a leituras de restrição a partir de estratégias e procedimentos editoriais.

Abstract

This article studies the editorial phenomenon of the publication of Bibles of Study in Brazil. It analyzes three bibles of Brazilian religious groups: Catholic, Pentecostal, and Protestant. The objective is to study the explanatory notes in the biblical texts and the process of formation of readers according to the doctrinal and ethical principles of the editors of the selected bibles. The corpus is limited to chapters 6 through 9 of the book of Genesis, containing the narratives of the building of the ark by Noah and the Flood. This article uses the History of the Book and the History of Reading as theoretical references. Such theories allow us to recognize that the Bible, by its linguistic and literary power, has been the object of many receptions in History. At the same time, the Bible is restricted in its reading from editorial strategies and procedures.